

TRÊS HUMANISTAS DO INSTITUTO DO CEARÁ

F. ALVES DE ANDRADE

(Memória sôbre Thomaz Pompeu Sobrinho, Padre Rodolfo Ferreira da Cunha e Manoel Antônio de Andrade Furtado. (Estudo lido na sessão solene do Instituto do Ceará aos mesmos dedicada, em novembro de 1968.)

O Instituto do Ceará realiza neste mês de novembro a sua homenagem aos desaparecidos do seu grêmio, ferido, nestes últimos tempos, por um violento abalo dos seus alicerces, colunas e vigamentos.

Tão profundas e dolorosas foram as impressões causadas na seara que esta Casa ostenta na Terra da Luz, que estamos, neste fim de ano, como num acordar da catarse, para obrigações das mais sagradas, como as que agora cumprimos neste mister.

Por entre sombras que guardam as frondes ainda virentes daquelas gigantescas árvores abatidas na tempestade, erguemos os olhos atônitos para refletir. E divisamos, nos campos da história, que a mão da ciência neste templo acarícia, a auréola rediviva daqueles heróicos, nobres e santos companheiros, mestres de civismo, apóstolos da cultura, autores generosos de grandes e nobres coisas que o tempo não destruirá.

Seus espíritos são como eternas flôres, pendidas de ramos ocultos na solidão do infinito. Suas mentes geraram para a posteridade sementes de sabedoria. Seus corações legaram-nos os frutos da saudade. E a Pátria, neste instante místico, abençoa e recolhe tais sementes, encerradas nesses frutos, como ardentes mensagens dos seus heróis.

THOMAZ POMPEU SOBRINHO, o Presidente Perpétuo, cuja imortalidade avultará no conteúdo de sua obra de sentido global, a qual,

com tintas mui seguras, revela a magistratura do espírito, tão necessária na hora presente, é marco, na divisa dêste século, que honrará para o Instituto a legenda dos seus escritos: **dedimus profecto grande patientiae documentum.**

Ele polarizou em atitude dinâmica e em sentido projetivo a cultura cearense, irradiando para o Nordeste, e do Brasil para o mundo, sérias reflexões. Soube acrisolar com erudição e talento uma filosofia essencial de desenvolvimento, com os pés bem firmes na terra, numa visada para o homem, com retículos bem aplicados ao Nordeste, ensinando a problemática de sua gente.

Nosso augusto Mestre deveria, desta tribuna, ter sido homenageado por um dos obreiros, mais vizinho que eu, no tempo, de sua messe, o não menos saudoso Renato Braga, que não chegou a esboçar a mensagem de que lhe incumbira o Instituto, arrastado que também foi recentemente pela vaga inelutável da morte.

A Renato Braga, como a Dolor Barreira, o Instituto já rendeu a sua homenagem, restando a Pompeu Sobrinho, Andrade Furtado e padre Rodolfo Ferreira da Cunha, fazê-lo neste instante.

Resolveu esta Casa reuni-los de modo unívoco, numa harmoniosa síntese, sem que se desça a uma análise de suas vidas e obras, que não poderá ser feita em tempo tão restrito. Pretende-se dar mais vasto espaço e tempo a uma publicação, que avaliará, com circunstanciado aprêço, e de acôrdo com variada colaboração dos sócios, os diferentes aspectos das atividades de cada um dos eminentes companheiros falecidos, cujas obras e virtudes enobrecem as tradições do Instituto.

No início destas palavras, diremos que aquelas intelectualidades floresceram com raízes profundamente mergulhadas no solo cearense. São sertanistas da mais pura, resistente e sedosa fibra, os quais traziam nos seus corpos e almas, o impulso das ancestralidades familiares. Vinham, para usar uma expressão do colonial povoamento, dos sertões de fora e dos sertões de dentro, para estas amenas paragens litorâneas, onde cidades como a nossa cresceram frente ao mar, em contato com a civilização e o desenvolvimento.

Não esqueceram as jornadas difíceis dos seus avoengos, que marcharam no pedregulho e tiveram sempre as mãos entre os espinhos... E aqui se estabeleceram operando cada um, segundo a natureza íntima, diversificada em algumas variantes de compreensão ou traços vocacionais de talento. Todos, porém, falaram da terra, dos seus problemas, de suas angústias, de suas aspirações. **Qui de terra est de terra loquitur.** Cada um a seu modo, conforme o corpo ou o espírito, olhando para baixo ou para cima, para a terra desnuda do homem aflito, ou para o céu azul, distante e muito alto, das mais nobres ou divinas inspirações.

Certo, o Instituto é uma família, feita dêste mesmo barro plástico de Ceará, de Nordeste, empenhada nos atributos essenciais de ontem e de hoje, expressões genéticas vividas nas interações e aspe-

rezas de solos, de clima, de plantas e animais, arremessados à fúria de incertezas e desalentos. Mas, o sol que é a luz, que é vida, ilumina os homens e fá-los estremecer e pensar com aspirações generosas, seguras, com racionalidade e aproveitamento. E a mente, no turbilhão mergulhada, não cessa de produzir, de criar e engrandecer.

Para o humilde orador, que apenas iniciou-se em alguns elementares estudos sobre a vasta área trabalhada com erudição por Thomaz Pompeu Sobrinho, e promete mais tarde trazer a lume os resultados de suas pesquisas, difícil seria, em rápidos instantes, esboçar a vida e obra das três personalidades, que se erguem no cenário desta homenagem, merecedora de mais densas e nobres tintas.

Insistimos porém em declarar que é este um ponto de partida. E serve para significar a necessidade de melhores estudos tendentes a uma bem maior penetração dos empreendimentos de que foram pioneiros os abnegados vultos desta instituição. Eles são heróis que não podem nem devem ficar esquecidos. E não só esta ponderação ética se impõe. Mesmo suas realizações, sua lavra em campo virgem, sua expedita intuição desbravadora, seu considerar à luz de uma cultura oriunda de sua formação humanista, permitiram-lhes uma visão global, um tratamento das coisas que o especialismo das técnicas efêmeras não tem capacidade para realizar, e está faltando na hora presente. Por isso, e pela fidedignidade histórico-geográfica, as tarefas que empreenderam no registro e na interpretação dos fatos, a análise que realizaram, com profundidade ao alcance no seu tempo, constituem instrumentos e matéria fundamental. Suas pesquisas, seus estudos e indagações, mesmo conjecturas em certos pontos, estão fadados a servir de lastro e amarra para os grandes e progressivos empreendimentos, destinados a dar resposta ao desafio das situações mais graves.

Mestres como Pompeu Sobrinho são experiência personificada entre o antigo e o novo. Seus escritos continuarão a dar conselhos, diretrizes, inspirações...

**PROMOTOR DA GEOGRAFIA ATIVA
E PIONEIRO DO HUMANISMO TE-
LÚRICO NO NORDESTE.**

Permiti que comece por exaltar a virtude, a abnegação, a perseverança e até a ousadia

com que Pompeu Sobrinho e seus seguidores tanto se preocuparam com os problemas da terra e do homem do Ceará, numa inquebrantável fé nos recursos da terra seca, mobilizados pela espiritualidade, pela técnica e pela ciência.

Sob a liderança de Pompeu e sua notável influência, o Instituto cuidou de Geografia e de Antropologia, tecla insistentemente perseguida por aquêle cultor de letras em seus trabalhos. Chegou a motivar a própria Universidade nascente, tão ambiciosa de ser uma Universidade tecnológica.

Tentaremos enquadrar tais esforços, tão persistentes, como sendo expressão do humanismo telúrico do Nordeste.

O humanismo contemporâneo busca a transformação do mundo e das coisas em benefício do homem. É um conjunto sistemático de reflexões acerca do homem, considerado como o bem maior e tendo a assegurar-lhe condições para a sua verdadeira felicidade. O inefável Padre Lebrez diz que isso será conseguido em termos ou metas de "mais ter, mais valer, mais ser". (1)

Diremos que o Humanismo Telúrico do Nordeste revela-se no esforço empreendido em vista de assegurar ao homem na Região, melhores condições de desenvolvimento econômico e social, através do aproveitamento integral dos recursos materiais e humanos disponíveis.

O estudo dos fatos históricos sob este aspecto humanista e com eles as providências governamentais, a luta das comunidades rurais e urbanas com tais objetivos, constituem aspecto novo e empolgante para as atividades do Instituto e da Universidade. Se o fizermos, teremos que reunir fragmentos de vidas, ou melhor, painéis de existências humanizadas neste trabalho hercúleo, onde encontraremos Thomaz Pompeu Sobrinho e, com ele, outros obreiros desta Casa, especialmente os homenageados desta noite. Denizard Macêdo viu a importância destes estudos da Geografia cearense, oferecendo documentado roteiro sob o aspecto humanista.

Se tomarmos este caminho, veremos que uma consciência rebelde e realista vem desde muito firmando-se no pensamento dos intelectuais, dos líderes, e na consciência do povo nordestino.

Há uma plêiade de escritores geopônicos no Ceará, que tem as suas amarras, antevisões, influxos, a partir do velho Senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil, que se transmitiu como nova espécie de herança cultural aos demais rebentos desta importante família, na origem um dos clãs sertanejos, cujo vulto extraordinário, no seu tempo, prefigura aquela vigorosa expressão social de que, com invulgar maestria e sublime afeto, trataram Nertan Macêdo e Hugo Catunda ao estudar "O Clã de Santa Quitéria" memória histórica sobre vaqueiros, políticos e eruditos. (2)

Thomaz Pompeu Sobrinho é desta fecunda e gloriosa estirpe. Nasceu a 16 de novembro de 1880 e falecido com 87 anos a 9 de novembro de 1967, é, no testemunho dos seus contemporâneos, um sábio e um santo pela devoção à ciência e à causa da humanidade, por cujos problemas lutou neste ângulo do Nordeste Brasileiro.

Filho do Dr. Antônio Pompeu de Souza Brasil, construtor e pioneiro de indústrias, humanitário médico já falecido, e de d. Ambrosina Pompeu de Souza Brasil, é neto do antigo Senador Pompeu de Souza Brasil e sobrinho do outro Thomaz Pompeu de Souza Brasil, este, filho do Senador, o mais notável geógrafo do seu tempo, como assevera Clóvis Beviláqua. O Senador Pompeu era Padre e Bacharel em direito. Matriculou-se no Seminário de Olinda e na Academia de Direito, também ali existente, onde se fez teólogo e jurista.

Foi livre-docente de Teologia no Seminário de Olinda. Cedo passou-se para as lides da jurisprudência e da política. Como político, soube exercê-la com ciência e experiência, tornando-se geógrafo, escrevendo compêndios oficialmente adotados no país. Foi um pioneiro de política objetiva no Brasil.

Ligando por baixo, e num passado longínquo, ao velho Seminário de Olinda e sua Faculdade de Direito a cultura cearense, é o fundador de uma geração de enciclopedistas que teve no seu filho, o segundo Thomaz Pompeu de Souza Brasil, um continuador erudito. Este também, formara-se em Pernambuco, na Faculdade de Direito do Recife, que, de suas torres, mandava para o Brasil e para o Nordeste, líderes audazes, águias do nativismo e das idéias liberais, que voavam dos campanários para formar por toda parte outros ninhos da consciência nacional.

Ambos "vincularam os seus nomes às instituições políticas brasileiras, revelando, como dizem os biógrafos, um padrão clássico de "vida pública norteada pela abnegação, pelo desinteresse, pelo espírito de renúncia". (3)

O primeiro Pompeu, teólogo e jurista, geógrafo, também pioneiro dos estudos de estatística e demografia no Brasil, foi o fundador do velho Liceu do Ceará. O segundo, jurista também, mas livre pensador, nutriu-se do exemplo do seu pai, de quem recebeu primorosas lições... Foi um sol das nossas letras. É o fundador da Faculdade de Direito do Ceará, como também foi o 2.º Presidente do Instituto do Ceará, como da Academia Cearense de Letras, do Centro Industrial de Fortaleza, deputado à Assembléia-Geral em três legislaturas, Vice-Presidente e administrador de negócios de sua Província. Escritor de longo tirocínio e de farta obra geopônica, cuidou de agricultura, comércio, indústria, foi um pensador ativo.

Em síntese, diremos, que o primeiro foi o precursor; o segundo, o pensador ativo; o terceiro, Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho é o cientista, o consolidador dos fundamentais estudos da cultura cearense. Não ingressou na política, mas fez obra de política científica, de política objetiva.

Sucedendo ao Grande e Benemérito Barão de Studart, como 4.º Presidente do Instituto do Ceará, dedicou-se como o Barão, inteiramente, a esta instituição da qual foi o seu Presidente Perpétuo.

Permiti que agora transcreva, como documento, o registro da imprensa sobre sua morte, num tópico das impressões sociais mais vivas, contido em *O Povo* de 9 de novembro de 1967: "Aos 87 anos de idade, mas ainda em pleno vigor intelectual, morreu na madrugada de hoje, em Fortaleza, Thomaz Pompeu Sobrinho, cuja obra científica, admirada no Brasil inteiro e conhecida também no exterior, serviu para projetar o Ceará noutros centros mais adiantados. Toda a sua longa existência foi dedicada ao estudo e à pesquisa, deixando para a posteridade uma obra vasta e profunda, em que os mais can-

dentes problemas do Ceará, em particular do Nordeste, em geral passaram pelo crivo de sua percuciente análise."

"Desapareceu, na madrugada de hoje a mais perfeita expressão de homem de cultura."

"Tão logo tomou conhecimento do infausto acontecimento, o Governador do Estado decretou luto oficial por três dias."

"Estrangeiros e brasileiros conhecem Thomaz Pompeu Sobrinho: Historiador, geógrafo, engenheiro, sociólogo, arqueólogo — fundador e primeiro diretor do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará — ramo científico a que se dedicou vigorosamente nestes últimos anos, dando uma contribuição notável ao setor de sua especialidade, a antropologia cultural."

"Simples, humano, severo, era assim Thomaz Pompeu Sobrinho. Foi estudante de Engenharia da Escola de Minas de Ouro Preto no comêço do século. Sua turma, a de 1903, era apenas de quatro estudantes, entre os quais, Eusébio de Oliveira, geólogo notável que o país conheceu... Voltou de Minas para o Ceará, como então empregado da então Comissão de Açudes do Governo Federal — ajudante de Engenheiro de segunda classe." (4)

Cedo ingressa na administração pública como Engenheiro ajudante da Comissão do Açude de Quixadá, a cujo solo se radicou, sendo sucessivamente promovido a Engenheiro de primeira classe, Engenheiro de Primeira Secção, e finalmente Engenheiro-Chefe do Primeiro Distrito da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.

É interessante ver na criação da I.F.O.C.S. (Decreto 7 619 de... 21.10.1909) como se agigantaram os serviços sob o comando do engenheiro Miguel Arrojado Lisboa, quando se iniciou a fase de sistematização, com a implantação de estudos diversos, desenvolvidos com um notável conteúdo geográfico e uma programação científica de espírito universitário, em razão das próprias equipes mobilizadas que empreenderam levantamentos topográficos, geológicos, hidrológicos, botânicos, numa penetração pioneira de intensas atividades. Observa Pompeu Sobrinho o fato de que "as primeiras providências no sentido da irrigação começaram com vistas largas e em grande estilo". (5)

Arrojado era um engenheiro de formação humanista, o que vale dizer, um engenheiro culto. Com a sua inteligência a Inspetoria recebeu os ideológicos impulsos do pensamento então dominante de Frederico Ratzel, fundador da Escola Alemã Determinista, que atribui maior importância ao meio do que ao homem. As idéias do sistematizador das obras contra as secas eram pautadas em termos de Antropogeografia e entre as lides da Escola Determinista. Adaptar o meio ao homem no Nordeste, mediante a implantação de grandes barragens. E para este fim o conhecimento geográfico é uma das maiores necessidades políticas. (6)

Importante é considerar como aquelas idéias, aqueles impulsos influíram na mente do jovem engenheiro, agitando-se com os de-

mais companheiros pelos sertões. Ele produziu as memórias justificativas do "Açude Quixeramobim", do "Açude Riacho do Sangue" e do "Açude Poço de Paus". Foi a Inspetoria com os seus aglomerados o seu primeiro laboratório e campo de observações. Desde então, tornou-se um pesquisador das secas que focalizou reunindo as observações do passado às experiências presentes.

Muito cedo tocou a problemática com amplitude, lendo nos fatos da terra e do homem as diversas alternativas de soluções. Surge na imprensa com interessantes artigos sobre geo-economia, cultura seca, florestamento e reflorestamento, ensino popular da agricultura. Com Alfredo Bena, em Quixadá, funda a Escola Prática de Agricultura, viveiro dos primeiros técnicos agrícolas para o interior cearense. Mais tarde, incorpora-se à Escola de Agronomia do Ceará, na fase de sua implantação como estabelecimento de ensino privado. Naquela oportunidade, ocupou a Cátedra de Engenharia Rural, sendo um dos fundadores dos ensinamentos objetivos neste setor, transmitindo aos estudantes de agronomia a sua experiência em problemas de açudagem, irrigação e outras formas de luta contra as secas.

Neste ano do cinquentenário da fundação da Escola de Agronomia, ela está aqui presente pela minha palavra, como um dos discípulos de Pompeu Sobrinho, a render-lhe a sua homenagem histórica neste instante.

Parece-me vê-lo a argüir-me, certa vez, em uma das provas de geometria analítica, o olhar brando da paciência do mestre, cuja bondade aliava-se a uma inteligência criadora, a uma compreensão dos nossos problemas e angústias que se desfaziam ante a competência do Professor, que infundia respeito, impunha simpatia — lembrando-nos os versos do poeta — **"Antigamente a Escola era risonha e franca..."**

Nós, alunos, víamos os seus magistrais artigos sobre agropecuária, como o livro que ele publicou em 1917 sobre a "Indústria Pastoral no Ceará" em que propõe novo plano ecológico de desenvolvimento do Nordeste, demonstrando que solucionar os problemas das secas não consiste simplesmente em construir obras de irrigação; lutar contra as secas é assegurar às indústrias agropecuárias o seu desenvolvimento neste meio, apesar das irregularidades climáticas". O que escreveu neste livro ainda constitui um roteiro que deve ser observado em atualização de pesquisas conforme o vigor descritivo em que figuram o clima, a flora, a fauna, as forragens; os obstáculos naturais à criação de gados, as secas, as zoonoses e os animais nocivos. Em uma segunda parte, estuda o gado, as raças introduzidas e a luta contra o meio externo. Examina as condições da fazenda sertaneja, sua economia e condições de melhoramento. Considera a alimentação como fundamental, dá a conhecer as principais análises de forrageiras nativas, herbáceas e arbóreas, indicando o racional aproveitamento. (7)

Foi, desde 1916, o precursor do cultivo do algodão arbóreo e de fibra longa, quer como agricultor, fazendo demonstrações de resultados em suas terras, quer como economista rural, discutindo na revista *Nordeste Agrícola*, órgão dirigido e fundado por Renato Braga, a sua excelência para o Nordeste.

Fêz também Zootecnia, pioneiro da criação de bovinos da raça Shwytz no Ceará, introduziu e melhorou em sua fazenda esta raça, utilizando-a para a formação de tipos mediante cruzamentos.

Em sua caminhada cultural entusiasta, Pompeu Sobrinho prosseguiu como viajor do físico ao humano. Suas experiências aportavam em conclusões, buscando a complementação de outros ramos. Pode-se definir o seu porte como cultor da Geografia Ativa. Foi, como o geógrafo, o historiador do atual. Mas, examinou todos os quadrantes, mergulhou no passado cearense, estudando a sua História, desde uma Proto-História até escrever também a Pré-História, versando tema difícil entre nós e de escassas fontes, minguados instrumentos e material.

Quando somente agora, Pierre George e seus companheiros, ditam para o mundo os princípios e métodos da Geografia Ativa, o nosso Presidente Perpétuo já se exercitava construindo neste sentido a sua obra. A Geografia é o resultado e o prolongamento da História, ensinam hoje os mestres franceses, mas Pompeu Sobrinho assim compreendia, assim debatia e recomendava nesta Casa.

Dizem os estudiosos mais atuais desta ciência que "o geógrafo está chamado a desempenhar um papel não meramente contemplativo, mas dinâmico, atuante, prosseguindo de certo modo o trabalho do historiador..." Insistem ainda em que "a função específica da Geografia Ativa consiste em estabelecer um elo entre o passado e o futuro com vistas à procura da continuidade histórica e esta, documentam os livros e artigos de Pompeu Sobrinho na *Revista do Instituto*, foi a missão do nosso líder e Mestre".

Depois de lerdes o que êle escreveu como historiador, desde quando demonstrou que a primeira terra visitada no Brasil foi o Ceará, considerai *Alguns Problemas de História*, *Inscrições Rupestres*, *Onomástica Indígena*, *Esbôço Fisioográfico do Ceará*, *Fixação do Homem no Nordeste*, *Fatores Geográficos da Autonomia Nacional*, *O Fator Moral na Construção dos Grandes Açudes*, *Sugestões para a Organização de um Plano Sistemático de Combate às Sêcas*, *O Algodão como Subsidiário das Obras Contra as Sêcas*, *O Algodão na Economia Cearense*, *Um Plano de Estudo Soclocultural no Ceará* e também *A Construção do Açude Orós* (uma significação econômica e humanitária), para não citar outros numerosíssimos estudos, e sentireis, leitores, a posição dinâmica em que se elevou o nosso biografado.

Não analisaremos aqui a crítica não menos brilhante e profunda que, versando sociologia, o nosso Pompeu Sobrinho fêz ao livro *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, contestando o pessimismo da fórmula com que aquêlê escritor incriminava o Brasil: LUXÚRIA

+ COBIÇA = MELANCOLIA. Demonstrou então ser a fórmula incompatível com os grandes fatos da evolução histórica brasileira.

Conhecia o Ceará, que percorreu a cavalo, passo a passo. Daí o vigor com que escreveu o seu esboço fisiográfico e traçou-lhe um mapa muito bem definido em seus acidentes.

A necessidade de empreender investigações de campo e de enriquecer as observações com outras novas e mais precisas dos fenômenos físico-sociais muito preocupou a Thomaz Pompeu Sobrinho, voltado, nos últimos anos de sua vida, para a implantação do Instituto de Antropologia da Universidade, que fundou, dirigiu e lançou bases do seu desenvolvimento. Elaborou e publicou o I Volume do seu **Manual de Antropologia** e concluiu o segundo, rico de ensinamentos atualizados.

Depois de escrever a sua **História das Secas** em que documentou o seu conhecimento sobre a evolução dos trabalhos do D.N.O.C.S., oferecendo um depoimento vivo e de profunda reflexão, chegou à conclusão da necessidade de fixar-se uma doutrina com base na experiência histórica. E assim, transpondo os limites da solução hidráulica do problema das secas, das soluções florestal e hidrológica, bem assim daquela solução pelo refinado aproveitamento do solo (**dry farming**) ou pela agricultura conservadorista (conservação do solo e da água — Prof. Sternberg), foi o primeiro a objetivar uma “solução compósita” ou antropológica: adequado ajustamento do meio físico e do meio social a situações novas que impliquem no máximo rendimento e êxito do trabalho de exploração agrícola.

A Universidade Federal do Ceará melhor caberia implantar o sistema numa fase a que denominamos de integração do desenvolvimento regional e promoção universitária. Em seu Projeto de Pesquisa Sociocultural publicado n. T. 76 da **Revista do Instituto do Ceará**, Pompeu em nota prévia clama pela implantação de estudos que levem ao conhecimento exato ou, tanto quanto possível certo das condições socioculturais da Região.

Em seu último trabalho, “Algumas notas sobre a hidrografia cearense, evolução cultural e perspectivas” de profundo alcance e lucidez, critica os governos do Ceará por falta de orientação antropológica de sentido humanista, como recomendou em seus escritos. É a visão atualizada do Mestre que parece clamar em vão num deserto.

A quem examinar a literatura mais recente no mundo oriental ou ocidental, não faltará a evidência. Subsiste um fundo antropológico na problemática política, hoje acatado mesmo pelos adeptos do mais arraigado marxismo, como ponto crucial — “o reconhecimento crescente da importância da antropologia filosófica no marxismo moderno, concebida esta antropologia como um inquérito a propósito dos problemas do nosso tempo”. A luz do conhecimento e investigações desta natureza, pretendem os adeptos desta doutrina solu-

clonar problemas de conflitos que surgem no socialismo, os quais serão assim racionalmente analisados, entendidos e superados.

Tendes aí uma ligeira mostra e comprovação do alto valor da obra e pensamento de Pompeu Sobrinho, cuja atualidade e projeção expressam-se em termos de humanismo telúrico, ligando o passado e o futuro. A sua busca ao homem, como sujeito e objeto das transformações sociais, tem sentido universal com que se firma na tela da história.

*
* *

Padre Rodolfo Ferreira da Cunha é outro humanista de expressão telúrica que enobreceu o pensamento do Instituto do Ceará.

Sua obra, nitidamente geográfica e de sentido ativo, dinâmico, seguiu de perto o roteiro de Pompeu Sobrinho. Certo que êle filia-se à linhagem cultural dos escritores geopônicos de nossa terra, entre os quais avultam os três Thomaz Pompeu, Rodolfo Teófilo, Ildefonso Albano, os quais reagiram pondo em evidência, naqueles tempos que precederam à industrialização, os recursos naturais da terra seca malsinada, preludiando a formação de uma doutrina agronômica experimental, com a fé dos seus ensinamentos, que tinham o sublime na vivência de observação e intuição pessoal.

É homem de origem rural. Nasceu a 26 de setembro de 1880, no povoado Canaan, antiga Lavagem, do Município do Trairi, que Padre Mestre Rodolfo (8) decantava como se fôsse a sua geórgica, com um sabor tão lírico que lembra o poeta:

“Todos cantam sua terra,
Também vou cantar a minha.”

Por isso, mudou o nome da terra do berço para Canaan, onde a vida lhe parecia feliz, entre os bons e os simples, vivendo a mística suavidade da natureza. Com os parentes reunidos, costumava desabafar saudades descrevendo as suas impressões dos sítios da “Lavagem” com o seu clima bom e águas claras perenes; das frutas da “Lavagem” com a sua doçura e sabor jamais sentidos em outras frutas; das rapaduras da “Lavagem”, canas-de-açúcar e doces mil; do luar da “Lavagem”, suas brisas frescas, com um sol brando e claro em céu muito azul, sob o qual a Capelinha da “Lavagem”, muito branca em chão de planície, por entre outros berços humildes, parecia rezar plamente, mudando em felicidades as amarguras do povo e as tribulações da guerra na paz do mundo... E, falando assim, ia despertando em todos um desejo estranho de voltar...

Padre Rodolfo Ferreira da Cunha era filho de Raimundo Ferreira da Cunha e de d. Luíza Pires da Cunha, agricultores nas terras do Trairi e Itapipoca, onde possuíam vastos domínios. Vinha daque-

la nobreza rural pacífica, que no Ceará é diferente, havendo harmonia entre trabalhadores e proprietários de terras.

Ordenou-se Presbítero, recebendo ordens sacras entre 28 e 30 de março de 1903, no Seminário da Prainha, onde começou por exercer o magistério, num tempo em que às suas portas vinham bater jovens de todos os quadrantes do Ceará, filhos das principais famílias que habitavam fazendas e vilarejos dos sertões longínquos e serras altas. Aí contribuiu com a sua inteligência para a formação de muitos jovens da sociedade cearense.

Orador primoroso, de palavra fácil, estilo ameno e de positiva linguagem, sabia tanto convencer como emocionar. Foi um entusiasta dos recursos naturais, deles tratando com inteligência em momentos oportunos, como motivação para o desenvolvimento do Ceará.

Há mesmo verdadeira expressão de humanismo telúrico em seus escritos, acompanhados de um "por que me ufano" de sua época. Todavia, abordava os assuntos com realismo, apoiado em números de estatística e em pesquisa geográfica. Agrada e instrui, desperta interesse o Mestre do Seminário da Prainha e do Liceu do Ceará.

Seu primeiro estudo, *O Vale do Jaguaribe*, publicado em Fortaleza, em 1921, é a tese de concurso com que à Congregação do Liceu do Ceará apresentou-se para a conquista da Cátedra de Geografia e Cosmografia. É livro de 113 páginas em que o autor revela, além do simples empenho de satisfazer as exigências do concurso de uma cadeira, propósitos de contribuir com a sua inteligência para a solução de problemas de política objetiva em nosso Estado. E assim confessa no limiar da obra:

"não poderia deixar de me ocupar do Ceará, por dois motivos. Primeiramente pelo amor sincero que me prende o coração a este pedaço da Pátria, tanto mais digno de amor quanto mártir das injustiças cegas da natureza física. Em segundo lugar, o que vem a ser o mesmo, pelo horror de que se acha possuída a minha alma, ao ver o perigo da suspensão das abençoadas obras do Nordeste, que são a nossa esperança, a nossa riqueza, a nossa glória, a tranqüilidade dos nossos lares, das nossas famílias, do nosso futuro". (9)

Não haverá melhor definição de humanismo voltado para a promoção do desenvolvimento econômico e social do que a expressa nessas palavras do autor.

Começa por estudar o clima do Ceará e a extensão das secas no Nordeste, no que oferece uma tentativa de configuração que alcança justamente as linhas abrangendo desde parte do Piauí, ao Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais, o que coincide com a área mais tarde adotada pelo Banco do Nordeste para constituir o Polígono das Secas.

Examina com apolo em Thomaz Pompeu, Ildefonso Albano e outros, a série de secas nos séculos 18, 19 e 20. E em relação à grande seca de 1915, informa quanto à importação de cereais e prejuízos decorrentes entre 1915 e 1919. Passa a considerar as alternativas de soluções, para se fixar na construção dos grandes açudes e suas conseqüentes obras de irrigação. Estuda então a bacia do Vale do Jaguaribe e tributação dos seus afluentes, potencial hidrológico, potencial de suas terras de acôrdo com os estudos de O' Meara, J. J. Revy, R. Grandall, o problema das culturas especialmente do algodão, da intensificação da pecuária, as possibilidades de construção do Orós e do Poço de Paus, Quixeramobim e Patu e conclui:

"O plano de salvação do Nordeste não pode portanto morrer! Tem de se impor, tem de se sustentar, tem de vencer! Avante, pois! Ingente é a obra de Epitácio Pessoa. Secundai-a! Apolai o seu Governo, sustentai a sua política... será grande o Ceará, pelas monumentais obras de irrigação do Vale do Jaguaribe." (9)

Depois de construído Orós e outros açudes, esta idéia continua, clamando na voz de outros líderes pelo aproveitamento da infra-estrutura infelizmente ainda ociosa.

Em 1922, por ocasião do Centenário da Independência, Padre Rodolfo surge nas páginas do *Almanaque Estatístico e Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará*, com um novo trabalho de motivação social, sob a epígrafe "Hulha negra e hulha branca". Tinha em vista despertar a atenção das lideranças para o nosso potencial hidrelétrico que, em relação ao Ceará, teve mais tarde coroamento com a implantação da energia de Paulo Afonso. Neste interessante estudo, em que arrola o potencial dos nossos rios e cachoeiras, apresenta-se o professor de Geografia que é também mestre de civismo. E assim estremece visionário: "Quando um dia estiver aproveitada a nossa principal hulha branca, quando estiverem eletrificadas por essa maravilhosa potência as nossas principais vias-férreas, quando a iluminação de nossas cidades, os motores de nossas fábricas forem impulsionados pela força hidráulica, então sim, veremos progredir este Brasil querido, veremos multiplicarem-se as estradas de ferro, surgirem novas fábricas, levantarem-se novas indústrias... O país nadará em mar de prosperidades!" (10)

Acaso, isso não estamos começando a ver?

Era com essas idéias que Padre Rodolfo Ferreira da Cunha escrevia e ensinava. Ensinou no velho Liceu do Ceará, ensinou no Ginásio do Crato. Educou e encaminhou espíritos que mais se empenharam e continuam por aí lutando ainda por estes seus ideais.

Mais tarde deixou Fortaleza, foi ter ao Rio de Janeiro, onde também exerceu o paróquio. Em 1957, já velho, mas tendo na alma os pendores geográficos, foi conhecer o Brasil Centro-Oeste, conheceu Brasília e o Rio Araguaia, a respeito do qual escreveu e publicou no Tomo 77 da *Revista do Instituto do Ceará* um outro trabalho geo-

gráfico sob a epígrafe "O Rio Araguaia". Este estudo constitui uma síntese interessante, de caráter descritivo, com o levantamento dos principais povoados à margem dos afluentes, com os seus estabelecimentos públicos e particulares, instituições religiosas e contém até mesmo uma descrição da fauna regional. Termina numa exortação tão ao sabor do seu estilo literário: "Autoridades supremas da Nação, olhai o mapa do nosso querido país! Olhai com os olhos de simpatia o rio Araguaia, e vereis que nele está um grande futuro para Brasília e para o Brasil!"

Como estudo de caráter histórico, o nosso Padre Rodolfo deixou artigo na *Revista do Instituto*, T. 1929-1930, sob a epígrafe de "Notas Históricas do Livro do Tombo da Paróquia de Porangaba", onde também exerceu com dedicação espiritual e religiosa o paróquial das almas.

Sua alma generosa estava voltada para a Pátria e para Deus.

Tendo o meu nome ligado às suas tradições de bondade, por laços de família, assim o conheci e admirei, como na consciência desta justa homenagem.

Nos últimos anos de sua vida, interiorizou-se na terra do berço, onde parecia querer terminar como começou. Pedia aos amigos viveres e donativos para os pobrezinhos da "Lavagem", ao lado dos quais cumpria a sua missão sacerdotal. Só a extrema idade arrastou-o pela doença a Fortaleza, onde veio a falecer na Santa Casa de Misericórdia a 19 de abril de 1967, aos 87 anos de benfazeja existência.

*
* *
*

Manoel Antônio de Andrade Furtado. Quis falar assim de Padre Rodolfo, para somente depois de indicar a escada que levou para o além um sacerdote desta Casa, tratar de Andrade Furtado, que foi a espiritualidade humanizada. Permiti que vos lembre nesta noite um pensamento que ele disse, como orador de Pompeu Sobrinho, por ocasião do seu jubileu literário: "o mundo, realmente, muda de aspecto, na observação curiosa de René Bazin, quando chegamos a só considerar as pessoas como almas, a caminho do seu destino eterno..."

Quando a morte nos diz que tudo passa sobre a terra, quando miramos nas águas tristes do rio do esquecimento, o **quid prodes homini** do livro da Sabedoria, é que vemos, que razão assistia a Andrade Furtado em considerar as pessoas como almas, a caminho do seu destino eterno...

Ele foi talvez o nosso melhor humanista cristão, como pensador católico que considerava como escritor, poeta, advogado, jornalista, tôdas as tribunas por onde passou, como púlpitos sagrados, onde a palavra do homem seria como a palavra de Deus descendo até o povo. Não deixou de ser com esta característica um humanista teológico, quando tratava de Ceará e de Nordeste. Vêde que o jornal ca-

tólico que ele fundou tinha o nome da Região, como se quisesse fazer mensagem dos problemas econômicos e sociais de que, a seu modo, tratou neste Ceará, ao lado de outros companheiros a partir deste Instituto.

Nasceu Andrade Furtado na cidade de Quixeramobim, a 28 de janeiro de 1890 e faleceu em Fortaleza a 16 de abril de 1968, com 78 anos de idade. Foram seus pais, José Furtado de Mendonça Bezerra de Menezes e Ana Stella de Andrade Furtado, autênticas famílias rurais. (11)

Fêz as primeiras letras em Quixeramobim, vindo depois para Fortaleza em 1907, passando a fazer os preparatórios no Liceu do Ceará. Cursou a Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1915, sendo orador de sua turma. Foi professor do Instituto de Humanidades, do Instituto Borges, Colégio Colombo e Fênix Caixelral.

Conquistou a Cátedra de Economia Política e Ciência das Finanças na Faculdade de Direito do Ceará, exercendo na mesma Escola o magistério a partir de 1917, passando a ensinar depois Direito Administrativo. Em abril de 1961 dirigiu a Faculdade, e mais tarde foi escolhido para Vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará, trabalhando ao lado de Martins Filho, o fundador da nossa Universidade Federal, em sua implantação e desenvolvimento.

Foi também, como Pompeu Sobrinho, professor fundador da Escola de Agronomia, catedrático de Economia Rural, Legislação e Contabilidade Agrícolas.

Neste ano em que a Escola comemora o seu Cinquentenário de Fundação, associa-se a mesma, pela palavra do orador, a esta solenidade, nesta homenagem ao saudoso professor Andrade Furtado.

Na administração pública, foi Secretário de Estado do Interior e da Justiça, respondendo pela Interventoria do Estado do Ceará e por outras pastas onde o seu tirocinio, equilíbrio e honradez faziam-se necessários.

O querido e saudoso professor Dolor Barreira, deste Instituto, também arrebatado no ano passado, traçou-lhe em sua *História da Literatura Cearense*, Tomo 4.º, destacada biografia, analisando-lhe as facetas como orador, poeta, prosador, jornalista, da qual colhemos este tópico que contém observações conclusivas: "... em verdade, as direções por onde o seu espírito rumou foram: o jornalismo, o professorado e a eloquência".

"O jornal tem-lhe sido verdadeira obsessão, — pode-se dizer — desde os inquietantes dias de sua primeira juventude." Dolor arrola as fôlhas de luta jornalística de Andrade, que se iniciou com *"O Paladino"*, em Baturité (1904); depois, no Quixeramobim (1906); fundou *O Bandeirante*, em Fortaleza, (1910); colaborou na *Revista Escolar*, no *Cruzeiro do Norte* e no *Diário do Estado*, em Forta-

leza, a convite de Soriano de Albuquerque. Passou, em 1915, a redatoriar o *Correio do Ceará* e, pouco tempo depois, ao lado de Leonardo Mota, passou-se para *O Nordeste*, impulsionando com a sua fé aquêle vespertino católico, desde a sua fundação.

Pela qualidade e alto valor literário com que transmitia as suas idéias, pela combatividade em suas atitudes, a História do jornalismo no Ceará deve a Andrade Furtado um lugar de alta evidência.

Não relacionaremos aqui a longa messe de estudos, artigos, discursos de sua autoria, de que a *Revista do Instituto do Ceará* está repleta. Sua admiração a Capistrano de Abreu, Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Afonso Celso, Carlos de Laet, fê-lo expressar-se com primorosos trabalhos que são jóia de reflexões e eloquência em nossa literatura.

Cederemos a palavra a José Aurélio Câmara, o culto admirador de Andrade nesta casa e seu conterrâneo de Quixeramobim, que melhor traçou o perfil do homenageado, transcrevendo aqui o seu pensamento autêntico.

"Em Andrade Furtado impressiona a coerência de atitudes e de idéias que para sempre lhe marcou a longa existência. Foi esta a característica dominante e primorosa de sua admirável personalidade."

"Na família firmou-se a tradição, alicerçada no testemunho dos mais velhos de que rapaz môço, estreante no magistério e nos estudos superiores em Fortaleza, já impressionava a sua austeridade precoce, o elevado senso de responsabilidade, a monolítica firmeza das idéias."

"A maturidade e a velhice com a rijeza das crenças, a inabalável ortodoxia religiosa, a sisudez na apreciação dos homens e dos fatos, já estavam contidas, prontas e definitivas, no casulo da juventude. O corpo envelheceu com a idade; o espírito permaneceu indene às investidas do tempo."

"Jamais conheci homem algum tão eficazmente vacinado contra a infiltração de tudo o que fôsse moderno e reformador no plano das idéias sócio-religiosas. Uma coerência granítica ligava-o indissolúvelmente aos padrões morais e religiosos do passado, a cuja sombra plasmara a sua autenticidade indiscutível. Era como se as águas batismais lhe houvessem blindado a alma, lha houvessem obturado todos os poros do espírito à penetração deformadora de novas crenças e de novas idéias."

"Do velho pai, de uma religiosidade quase mística, que vagamente recordo em Quixeramobim, herdou o rigoroso na exegese dos textos sagrados... A fé mais inamovível fixou-se-lhe na alma com a marca das verdades eternas, e para defendê-la armara-se em cruzado perpétuo, sempre de lança em riste, pronto a arremeter contra o infiel, fôsse êste um homem ou um livro, uma palavra ou uma idéia."

"As suas atitudes na vida prática ou nas lides intelectuais eram

ditadas sempre por êsse extremado sentimento religioso, — a dimensão mais alta e mais visível da sua existência. Nada, que mesmo de leve contrariasse a componente católica de sua personalidade encerrava a mínima possibilidade de aceitação."

"Recordo que na peleja cordial que se travou no Instituto do Ceará sobre a fundação de Fortaleza, foi imediata e quase violenta a sua repulsa ao nome de Matias Beck, com boas razões apontado como o fundador da cidade. Não se fundamentava nos argumentos que nem sequer ouvira, nem dos documentos que nem sequer compulsara. É que não podia admitir que sobre a cabeça mal pensante de um calvinista viesse repousar os louros de tal feito... Soares Moreno era um capitão de sua Majestade Católica, e não havia como tomar-lhe os direitos!"

"Se era um gesto cientificamente indefensável, constituía, no entanto, atitude perfeitamente explicável em quem fizera da hipertrofia do sentimento religioso a razão de ser de sua vida."

"Com Andrade Furtado morreu um homem raro no panorama de nossa época, onde se multiplicam os incolores, os adaptativos, os acomodaticios. Para aqueles "homens de um só parecer, de antes quebrar que torcer" de que nos fala o seiscentista Sá de Miranda, — e Andrade era um deles — não há mais hoje condições de sobrevivência. Vão rareando e vão deixando vagas que se não preenchem." (2)

Este o perfil, cinzelado com afeto e realismo, por José de Aurélio Câmara.

Muito ainda poderá acrescentar a estas palavras o testemunho dos seus contemporâneos, mas de bondade, de tolerância cristã, o que embora pareça uma contradição, esta a possuía Andrade Furtado para com o próximo. Na Escola de Agronomia, onde ensinava, e na Faculdade de Direito, onde o luminar desta noite de homenagem foi meu professor, e assim também nesta Casa, jamais ouvi dele uma palavra áspera, um conceito menos justo em relação ao procedimento das pessoas. Era um santo que, da Igreja, merece hoje a honra dos altares.

Parece-me ouvi-lo nas aulas da Faculdade de Direito, a regar com a reflexão dos seus conceitos espiritualistas a materialidade e asperezas da Economia Política e da Ciência das Finanças.

"Meus amiguinhos, o homem é um canção pensante!" Contraditava o materialismo com a filosofia dos provérbios e os encantos da poesia.

Como magistralmente escreveu Dolor Barreira, "Andrade Furtado não está filiado a correntes poéticas, nem se sujeita a exigência ou regras da divina arte. Escolhido ou encontrado o assunto, emociona-se, traduz, em forma correta e rima apropriada a sua emoção. Nem deixa de comovê-lo o Nordeste queimado de sol, e os sofrimentos e heróicidade de seus filhos." (11)

"Terra abrasada, terra sofredora,
Afeita à luta em prol da Liberdade,
Terra que um sol de fogo queima e doura,
— Fonte de morte e de fecundidade..."

Se a terra do Nordeste era assim, para êle as pessoas, todavia, eram almas a caminho do seu destino eterno... Por isso, legou-nos, num sonêto, a sua filosofia:

O HOMEM

Razão tinha Pascal quando dizia
Que o homem nada mais é do que um caniço...
A diferença está somente nisso:
Pensa! E pensando ostenta primazia!

A haste débil, o vime quebradiço,
Triturado, nem soube que morria...
O homem, a quem esmaga a rocha fria,
É maior do que o bloco movediço!

A massa que o fere é massa inconsciente!
O imenso horror do drama pesa e sente,
Em tôda a sua trágica extensão...

Pelo espírito e pela inteligência,
Possui a plenitude da consciência
— Frágil caniço a quem Deus deu a razão!

O Instituto do Ceará abriu nesta noite as suas portas, para mostrar-vos em sua vasta messe a glória dos três caniços pensantes a quem muito deve a cultura do Ceará. Thomaz Pompeu Sobrinho, que trabalhou a cultura da terra confiante na vontade e inteligência dos homens; Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, cuja religiosidade exprimia-se em termos também de recursos naturais do Ceará e do Brasil; Andrade Furtado, que, pisando a terra abrasada, acariciava-a com a sua religiosidade. Num lirismo ardente, tinha os olhos fitos no céu.

As exmas. famílias dos queridos consócios falecidos, o Instituto manifesta a sua homenagem de saudades e assegura que, neste cenáculo, que é a Casa da História do Ceará, por entre as suas colunas de fé na imortalidade do homem, êles viverão para sempre!

Fortaleza, Ceará, novembro de 1968

Francisco Alves Andrade

BIBLIOGRAFIA

(Autores citados)

1. LEBRET, L. J. (Padre) — *Dynamique Concrète du Développement*. Les Éditions Ouvrières, Paris, 1961, (p. 33).
2. MACEDO, Nertan — *O Clá de Santa Quitéria* (Memória histórica sobre vaqueiros, políticos e eruditos). Empresa Gráfica O CRUZEIRO S.A., Rio de Janeiro, 1967.
3. STUDART, Barão de — "Tomás Pompeu de Souza Brasil e João Perdigão de Oliveira". *Rev. do Instituto do Ceará* — T. Especial, 1929.
4. O POVO, — Noticiário da redação, número de 9 de novembro de 1967.
5. POMPEU SOBRINHO, TH. — *História das Sêcas* — Monografia n.º 23, 2.º Vol. Século XX. Editora A. Batista Fontenele — Fortaleza-Ceará. 1953.
6. ANDRADE, F. Alves de — *Agronomia e Humanismo* — (Problemas de política econômica e educacional agrária) p. 107. Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza, 1967.
7. ANDRADE, F. Alves de — "Frondes e Raízes do Ceará", *Rev. do Instituto do Ceará*, T. 71, p. 178 — 184 — 1957.
8. SOUSA, Eusébio de — *Meio Século de Existência*. 1936.
9. FERREIRA DA CUNHA, Rodolfo (Padre). — *O Vale do Jaguaribe*, Tip. Minerva, Ceará-Fortaleza, 1921.
10. FERREIRA DA CUNHA, Rodolfo (Padre). — "Hulha Negra e Hulha Branca". *Almanaque Estatístico e Administrativo, Mercantil e Literário do Ceará*. 1922.
11. BARREIRA, Dolor — *História da Literatura Cearense*, Monografia n.º 180 da Coleção Instituto do Ceará, 4.º Tomo, p. 335 a 359. Ed. do Instituto do Ceará, 1962.
12. AURELIO CAMARA, José — "Andrade Furtado" — *O Povo*, Fortaleza — Ceará, 20 de abril de 1968.